

1 NÓS/A GENTE: RELAÇÕES DE GÊNERO E ESCOLARIDADE EM COMUNIDADES DE PRÁTICAS SERGIPANAS

Cristiane Conceição de Santana (UFS)
criscc.santana@gmail.com

Introdução¹

Este trabalho se insere na área da Sociolinguística Variacionista e tem como objetivo investigar e analisar o fator escolaridade em função do sexo/gênero no repertório linguístico de membros de duas comunidades de práticas distintas, levando em consideração a realização variável dos pronomes *nós/a gente* na referência à 1ª pessoa do plural.

A sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade; se ocupa com estudo da possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos das línguas. Dentre os fatores sociais que influenciam o uso linguístico do indivíduo está o sexo/gênero. Nos últimos quarenta anos, diferentes estudos (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010; PAIVA, 2003; COULTHARD, 1991; LABOV 2008; LEITÃO, 1981; FISHMAN, 2010; ZIMMERMAN; WEST, 1987; LAKOFF, 1973;) vêm tratando das diferenças linguísticas entre homem e mulher. A linguagem da mulher reflete o seu conservadorismo, consciência de prestígio, insegurança, deferência, encorajamento, emoção, sensibilidade, solidariedade. Já na linguagem dos homens é evidenciada sua dureza, falta de afeto, competitividade, independência, hierarquia. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010).

Outro fator de grande influência na fala do indivíduo é a escolaridade: de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 48), “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou têm influência em seu repertório sociolinguístico”, pois a escola privilegia a norma culta e o aluno, por sua vez, tenta aproximar sua fala e escrita desta norma. Por exemplo, uma criança cujos pais não estudaram – e que por esse motivo utilizam de formas linguísticas estigmatizadas – consequentemente também utilizará tais formas. No entanto, ao passar a frequentar uma escola, essa criança provavelmente sofrerá alterações em seu repertório linguístico, por fatores como o ensino da língua e o contato com os outros alunos.

Um lugar propício para a análise da variação relacionada a fatores sociais, como sexo/gênero e escolaridade, a partir de um fenômeno linguístico, como a variação no uso da primeira pessoa do plural (*nós/a gente*), são as comunidades de práticas, conjunto de pessoas em torno de um empreendimento comum. Penelope Eckert e Sally

¹ Trabalho decorrente do desenvolvimento do plano de trabalho intitulado *Língua, identidade e cultura: gênero em relações de escolarização*, vinculado ao projeto *Língua, identidade e cultura: efeitos de gênero nas representações sociolinguísticas em Sergipe*, coordenado pela Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, no período de 2013-2014, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe, com bolsa CNPq-AF. Também fazendo parte deste trabalho estão Thaís Regina da Conceição Andrade COPES/UFS, com o plano de trabalho *Língua Identidade e Gênero: Relações de escolaridade*, e Valéria Santos, *Relações: público X privado*.

McConnell-Ginet definem que “O engajamento mútuo dos agentes humanos em uma ampla gama de atividades que cria, sustenta, desafia e, por vezes muda a sociedade e suas instituições, incluindo ambos, gênero e linguagem; e o lugar de tal engajamento mútuo são as comunidades”. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 101)

Os indivíduos podem pertencer a várias comunidades de prática simultaneamente, e, ao escolherem de quais vão participar, compartilham repertórios de práticas, entre elas as linguísticas, sendo estas heterogêneas por se inserir em diferentes contextos sociais e linguísticos. Em uma comunidade formada por membros de ambos os sexos, diferentes idades, variados níveis de escolaridade e condições financeiras distintas, é comum haver diferenças na maneira de cada um expressar-se; isso significa que há heterogeneidade. Para lidar com este fator, faz-se necessário tecer reflexões sobre o processo de variação/mudança, pois estas mudanças assumem significação social, havendo uma relação direta entre língua, identidade e sociedade.

Partindo desses pressupostos, procuramos investigar quais as diferenças entre os falares femininos e masculinos, tomando como base o fator escolaridade e os estudos sociolinguísticos em comunidades de práticas, lugar mais propício para estudar a relação entre o uso linguístico e a interação entre homem e mulher. Nosso foco de análise é a variação entre as formas *nós* e *a gente* na referência à 1ª pessoa do plural, como apontam os estudos de Mendonça (2012), Silva (2004), Seara (2000), Cunha (2013) e Santos (2014), dentre outros, há uma maior frequência no uso da forma *a gente* em detrimento da forma *nós* por parte dos informantes mais jovens, escolarizados, de sexo feminino, residentes da zona urbana, pois a forma é inovadora e não estigmatizada, como prescrevem as gramáticas quando caracterizam a forma *a gente* como parte da linguagem coloquial (cf. BECHARA, 2006; BAGNO, 2012; NEVES, 2000). Pessoas mais velhas, não escolarizadas, residentes da zona rural tendem a preservar a forma *nós* por serem mais conservadores e por não estarem num ambiente muito propício a mudança.

1. Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada nesta pesquisa implica em dois níveis: um é o nível macro, seguindo a sociolinguística clássica, aos moldes labovianos, que categoriza os sujeitos da pesquisa segundo critérios como sexo, idade, escolaridade e classe socioeconômica; e o outro é o nível micro, que visa focar o levantamento de dados em comunidades de prática; nesse nível faz-se necessário realizar uma abordagem de base etnográfica (cf. FREITAG, MARTINS, TAVARES, 2012; FREITAG, 2013). A etnografia aplicada aos estudos sociolinguísticos engloba diferentes procedimentos e caracteriza-se pelo envolvimento do pesquisador no ambiente natural da pesquisa, exigindo uma observação e uma interpretação de entendimento dos dados coletados, fazendo com que ele tome parte de alguma atividade peculiar da comunidade. Nesse método, os dados coletados podem ser feitos em narrativas ou história de vida, entretanto, não se pode de maneira alguma perder o ponto chave da etnografia, que é a descrição contextualizada dos fenômenos pesquisados. Com base nisso, analisamos as mudanças linguísticas ocasionadas pelas variáveis gênero/sexo e a escolaridade nas comunidades de práticas “Mãe da Divina Graça” e “PIBID de Matemática” utilizando essas duas metodologias para o levantamento dos dados.

O primeiro passo metodológico foi a identificação de duas comunidades de práticas que possibilitassem estudar a questão do sexo/gênero com relação à escolaridade. Por já contarmos com um *corpus* constituído da comunidade de práticas

Mãe da Divina Graça, procuramos estabelecer uma comparação entre o uso linguístico dos membros dessa com o uso dos informantes da comunidade que compõe o novo corpus (PIBID de Matemática), já que essas comunidades apresentam uma distinção relevante para estudos sociolinguísticos.²

O segundo passo foi a realização de visitas, no decorrer do primeiro semestre de 2013, ao local de reuniões do grupo PIBID de Matemática da UFS antes de iniciarmos a coleta dos dados. Esse processo se fez importante pelo fato de que as pessoas do grupo não eram conhecidas e começar as visitas juntamente com as gravações poderia causar um impacto nos informantes a ponto de prejudicar o processo de coleta. Aproveitamos esse primeiro contato para fazer anotações de campo, observações do comportamento dos membros da comunidade, descrições e estudos detalhados sobre a história do grupo a fim de identificar fatos que pudessem ser relevantes para análise dos dados. Em seguida, passamos à gravação de cinco reuniões do grupo, com duração de, aproximadamente, 2 horas cada.

Para a constituição do *corpus* da comunidade, seguimos um roteiro de entrevista sociolinguística, envolvendo perguntas relacionadas à educação, segurança, local de moradia, cultura, a questão do gênero (homem e mulher na sociedade). Inserimos, também, 18 questionamentos pontuais e obrigatórios acerca de atitudes linguísticas, relacionadas a sotaque, características marcantes na fala das pessoas e o uso de determinados pronomes. Foram realizadas 15 entrevistas individuais com os membros da comunidade, uma vez que ela não era muito grande. Cada entrevista durou, em média, de 40 a 60 minutos.

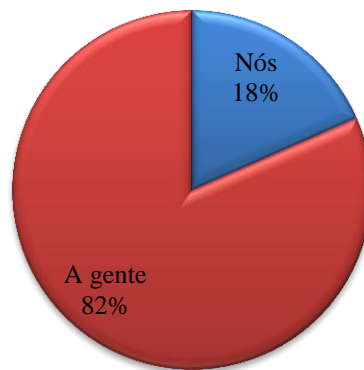
Posteriormente, transcrevemos as amostras documentadas utilizando o programa *Transcriber*. Para o processamento das ocorrências das formas pronominais *nós/a gente* com relação às variáveis sociais sexo/gênero e escolaridade nas duas comunidades de práticas em análise foi preciso codificar os dados da amostra, esse processo foi realizado no software *Rstudio*. Em seguida, os dados codificados foram analisados pelo software *Goldvarb X*, permite a quantificação de dados linguísticos, retornando os percentuais e pesos relativos acerca da ocorrência das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala dos informantes das comunidades de prática “PIBID de Matemática” e “Mãe da Divina Graça”.

2. Resultados e discussão

Os dados das formas em análise presentes na fala dos 23 membros que compõem os grupos “PIBID de Matemática” e “Mãe da Divina Graça” apontam que a variante *a gente* lidera as ocorrências, com percentual de 82%, enquanto que a forma canônica *nós* apresenta baixo percentual de uso, 18%, como podemos ver no gráfico 1. Constatamos a preferência por parte dos membros das duas comunidades em marcar a primeira pessoa do plural com a variante inovadora.

² A coleta de dados na comunidade Mãe da Divina Graça foi realizada no período 2012-2013, vinculada ao desenvolvimento do plano de trabalho *Língua, identidade e cultura: relações de escolaridade*, vinculado ao projeto *Língua, identidade e cultura: representações sociolinguísticas em Sergipe*, coordenado pela Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe, com bolsa FAPITEC.

Gráfico 1: Distribuição de nós e a gente nas comunidades analisadas



Quanto ao tipo de coleta, constatamos, conforme demonstrado na tabela 1, que embora o número de ocorrências da forma *a gente* tenha sido maior nas entrevistas individuais, o número de possibilidades de ocorrências nesse tipo de coleta também foi maior, já nas reuniões dos grupos, das 277 ocorrências de primeira pessoa do plural, 216 foram da forma pronominal *a gente*. O peso relativo deste último tipo de coleta foi maior, 0,73, em comparação ao do primeiro, 0,45.

Tabela 1: Distribuição de *a gente* com relação ao tipo de coleta

Tipo de Coleta	Ocorrência	Percentual	Peso Relativo
Entrevista	959/1151	82,5%	0,45
Reunião	216/277	78%	0,73

Com relação ao uso da desinência de primeira pessoa do plural, podemos constatar, gráfico 2, que os informantes utilizaram em sua maioria a forma *a gente* sem a desinência -mos e que apenas 4 informantes o fizeram com a desinência, já no uso da forma *nós*, 17 indivíduos o fizeram com a referida desinência e 11 não a empregaram.

Gráfico 2: Distribuição da desinência de primeira pessoa do plural

■ Nós com desinência -mos ■ A gente com desinência -mos
 ■ Nós sem desinência -mos ■ A gente sem desinência -mos

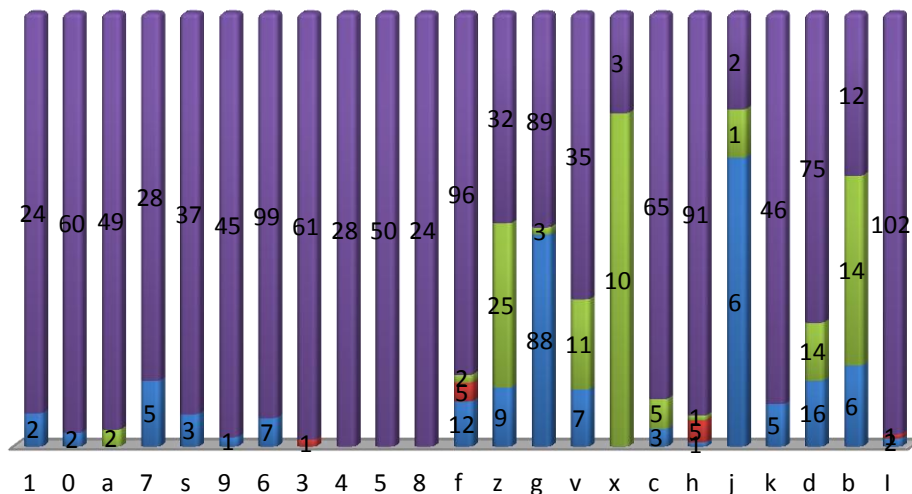


Tabela 2: Distribuição de *a gente* com relação ao sexo/gênero dos informantes.

Sexo/Gênero	Ocorrência	Percentual	Peso Relativo
Homem	461/490	94%	0.85
Mulher	704/938	75%	0.35

A variável sexo/gênero apresentou resultados contrários à hipótese de que, dentre os integrantes das comunidades de práticas “PIBID de Matemática” e “Mãe da Divina Graça”, os do sexo feminino fariam maior uso da primeira pessoa do plural por meio da forma *a gente*, enquanto os de sexo masculino o fariam por meio da forma *nós*. Estes resultados vão de encontro também aos estudos mostrados anteriormente, Mendonça (2012), Silva (2004), Seara (2000), Cunha (2013) e Santos (2014). Os homens da amostra utilizaram mais a forma inovadora com peso relativo de 0.85, enquanto as mulheres obtiveram apenas 0.35, tabela 2. Cabe ressaltar que o maior uso dessa forma por parte dos homens se deu pelo fato de que os informantes que exercem papel de liderança nos grupos são do sexo masculino, sendo o informante “f” o líder da comunidade “Mãe da Divina Graça”, figura 2, e “6” o da “PIBID de Matemática”, figura 2.

Figura 1: Hierarquia da comunidade “Mãe da Divina Graça”

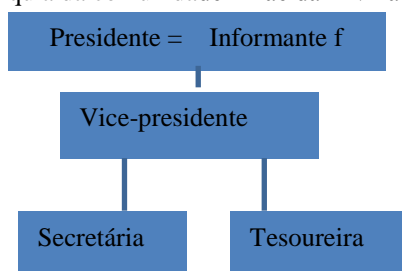
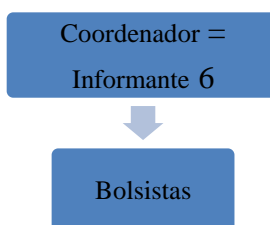


Figura 2: Hierarquia da comunidade “PIBID de Matemática”



Ao se tratar de comunidades de prática, devemos nos atentar também para fatores como o posicionamento de seus membros. Uma análise qualitativa dos dados aponta que os líderes utilizaram com maior frequência a primeira pessoa do plural, por se referirem muitas vezes ao grupo inteiro, destacando suas funções e finalidades, e também o fizeram em contextos em que expressavam suas concepções e experiências, por meio de generalizações com a primeira pessoa do plural. Os informantes optaram pelo maior uso da forma inovadora *a gente*; (1) e (2) são exemplos do uso da forma variante na fala dos líderes das comunidades em análise.

(1) “*a gente* deve é ser esse exemplo esse sal da terra e luz do mundo como Jesus fala né? é *a gente* tem que ser essa pessoa que o povo veja na vida da gente esse testemunho de vida este modelo (Inf. 7, colet. R)”.

(2) “*a gente* precisa encarar o conhecimento de maneira diferente e na matemática a *gente* vê muito isso o conhecimento é são coisas para se aprender são coisas pra é se pensar não são coisas pra se decorar... (Inf. 6, colet. E)”.

Tabela 3: Distribuição de a gente com relação à faixa etária dos informantes

Faixa etária	Ocorrência	Percentual	Peso Relativo
20-30	409/431	95%	0.65
40-59	472/619	76%	0.55
60-78	274/378	75%	0.35

Em relação à variável faixa etária, podemos verificar um crescimento gradativo no uso da variante inovadora pelos informantes das duas comunidades de práticas analisadas, como vemos na tabela, quanto mais jovem o informante for, mais usará a forma a gente, a faixa etária de 20-30 anos, é a mais jovem e concentra os informantes que mais utilizam a forma inovadora com peso relativo de 0.65, tabela 3, a partir do momento que a faixa etária aumenta o uso dessa variante diminui, ou seja, nas faixas etárias mais velhas os informantes utilizam mais a forma canônica nós.

Tabela 4: Distribuição de a gente com relação à escolaridade dos informantes

Escolaridade	Ocorrência	Percentual	Peso relativo
Não Alfabetizado	38/66	58%	0.20
Níveis Fundamental e Médio	484/594	81,5%	0.51
Nível Superior	544/662	82%	0.59
Doutorado	99/106	93%	0.24

Os informantes não alfabetizados foram os que menos utilizaram variante *a gente*, com peso relativo de 0.20; os de nível fundamental e médio fizeram um maior uso dessa forma em relação aos primeiros, com peso relativo de 0.51, já os informantes do nível superior foram os que mais empregaram a forma inovadora, com peso relativo de 0.59, conforme tabela 4. Portanto, nossa hipótese inicial de que a variante *a gente* é mais utilizada por indivíduos mais escolarizados se verifica, visto que elas demonstram que quanto maior o nível de escolaridade do falante maior o uso da forma inovadora. Os resultados dessa análise vão ao encontro dos apresentados nos estudos de Mendonça (2012), Seara (2000) e Lopes (2004).

Tabela 5: Distribuição de a gente com relação à comunidade de prática do informante

Comunidade de Prática	Ocorrência	Percentual
Mãe da Divina Graça	659/900	73%
PIBID	506/528	96%

Fazendo uma comparação entre as duas comunidades de práticas, confirmamos a hipótese lançada inicialmente, há um favorecimento da forma pronominal *a gente* pelos informantes do grupo PIBID de matemática, com 96% das ocorrências. Essa preferência pode ser explicada pelo fato de que estes informantes estão em um ambiente mais propício à variação, como é o caso de morarem na capital, terem um nível de escolaridade mais alto e serem mais jovens em relação aos do grupo “Mãe da Divina Graça” que obteve 73%.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo a análise da variação das formas pronominais *nós* e *a gente* na expressão da primeira pessoa do plural na fala de informantes de duas comunidades de prática ('Mãe da Divina Graça' e PIBID), levando em consideração o sexo e a escolaridade.

Constatamos que há um favorecimento da forma *a gente* em detrimento da forma *nós* por parte dos membros das duas comunidades. Em relação à escolaridade, quanto maior o grau de escolarização do informante maior o uso da forma *a gente*; há uma tendência dos mais jovens a optarem pela forma inovadora. Além disso, a comunidade situada no interior do estado foi a que mais preservou a forma canônica, possivelmente por estar em um ambiente pouco propício à mudança. Os resultados divergentes foram em relação ao fator sexo/gênero, pois esperava-se que as mulheres fizessem o maior uso da forma *a gente* por serem mais inovadoras e terem maior aderência às formas variantes, desde que não sejam estigmatizadas socialmente, como afirma Coulthard (1991). No entanto, foi os homens das duas comunidades utilizaram mais a forma *a gente*; esse resultado pode ser explicado pelo fato de que os líderes das duas comunidades são do sexo masculino e se referem muitas vezes ao grupo inteiro, destacando suas funções e finalidades e expressam suas concepções e experiências por meio de generalizações com a primeira pessoa do plural.

Esperamos que este trabalho contribua com os estudos de sexo/gênero relacionados à sociolinguística, como também sirva como incentivo para novas pesquisas nesta área.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática portuguesa. 37^a Ed. 16^a reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegemos na escola, e agora? - Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CUNHA, V. S. Nós e a gente: referência à 1ª pessoa do plural na fala culta de Itabaiana/SE. Projeto de graduação. Itabaiana, 2013.
- ECKERT; Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN; FONTANA, et al. Linguagem, sexo, sexualidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.
- FISHMAN, Pamela .O trabalho que as mulheres realizam nas interações. In: OSTERMANN; FONTANA, et al. Linguagem, sexo, sexualidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 31-48.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. Working Papers em Linguística, 14 (2), p. 156-164, 2013.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. Alfa, 56 (3): p. 917-944, 2012.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Língua, identidade e cultura: relações sociolinguísticas em Sergipe. Projeto de Pesquisa. UFS, São Cristóvão/SE, 2012.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKOFF, Robin. Linguagem e lugar da mulher . In: OSTERMANN; FONTANA, et al. Linguagem, sexo, sexualidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 13-30.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger . Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. Revista percursos linguísticos, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: Maria Cecília Molic; Maria Luiza Braga (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. P. 33- 42.

SANTOS, K. C. Estratégias de polidez e a variação de nós x a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe. Projeto de mestrado. São Cristóvão, 2014.

SEARA, *Izabel Christine*. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. Revista Organon, 2000.